

# O MOVIMENTO ESTUDANTIL E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO PROCESSO DE CONSOLIDAÇÃO DA UNIOESTE\*

*Amanda Cristina Lutz<sup>1</sup>  
João Carlos da Silva<sup>2</sup>*

## INTRODUÇÃO

É de grande relevância analisar e compreender o Movimento Estudantil (ME), tendo em vista que o mesmo é uma organização que luta por transformações na sociedade, se mobilizando em defesa de questões amplas que não envolvem somente a Educação, lutando para a melhoria do país em todas as esferas, tendo como foco a educação brasileira.

Podemos perceber a importância do ME, identificando características específicas do movimento como um espaço de luta de classes que visa gerar transformações em sua realidade e o seu impacto no âmbito em que vivem.

A história do homem é permeada pela luta de classes. Como afirma Marx e Engels:

Até hoje, a história de toda a sociedade é a história das lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor e servo, mestre de corporação e aprendiz – em suma, opressores e oprimidos sempre estiveram em oposição, travando luta ininterrupta, ora velada, ora aberta, uma luta que sempre terminou ou com a reconfiguração revolucionária de toda a sociedade ou com o ocaso conjunto das classes em luta. (MARX; ENGELS, 2012, p. 83).

A UNE possui uma grande relevância na luta e defesa de seus interesses e da população em geral. Ele se faz presente durante alguns momentos históricos do Brasil. A partir dessas mobilizações, os jovens são inseridos no exercício político, que é de grande importância para o início do exercício da cidadania. De acordo com Foracchi:

Abrem-se horizontes de participação que são os novos pelas oportunidades que o jovem encontra de conviver com outros que compartilham dos seus problemas, envolvendo-se, na busca comum das alternativas desejadas, criando compromissos semelhantes com a condição que, no momento,

---

\*DOI – 10.29388/978-65-81417-76-5-0-f.100-113

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia e Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus de Cascavel, na linha de pesquisa de História da Educação; Professora no município de Cascavel/PR. E-mail: amanda.lutz@hotmail.com

<sup>2</sup> Professor do colegiado de Pedagogia e do Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus de Cascavel. Membro do grupo de pesquisa História, sociedade e educação – Região Oeste do Paraná (HISTEDOPR). Pós-doutor em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: joao.silva@unioeste.br

define as suas vidas e que é a condição de jovem. (FORACCHI, 1972, p. 74).

Tal participação leva os jovens a discussões sobre temas relevantes, fazendo com que os mesmos reflitam sobre o seu modo de pensar, gerando transformações não somente no seu ato de pensar, mas na sociedade em que vivem.

Não obstante, podemos perceber que há uma lacuna sobre o ME universitário no Oeste do Paraná, pois não há trabalhos acadêmicos acerca do tema proposto, portanto, percebe-se a necessidade de pesquisar e analisar o movimento estudantil na região Oeste.

Nessa direção, o estudo inicia-se abordando a história de luta do ME no Brasil, a partir da União Nacional dos Estudantes (UNE) e as lutas que travaram em sua trajetória, principalmente no período da ditadura civil-militar (1964-1985). Discorreremos sobre o processo de criação da FECIVEL até o reconhecimento da UNIOESTE. Por fim, abordaremos brevemente o ME na UNIOESTE e suas contribuições no processo de consolidação da universidade.

Salientamos que este estudo faz parte da pesquisa de Mestrado em andamento junto ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da UNIOESTE, Campus Cascavel, e tem como base exame bibliográfico, dados levantados nas redes sociais das entidades estudantis, recortes de jornais, revistas e fotos. As fontes documentais foram levantadas junto a biblioteca pública do município de Cascavel, Museu da Imagem e do Som (Cascavel/PR), biblioteca da UNIOESTE e relatos de ex-integrantes do Movimento Estudantil.

## **TRAJETÓRIA POLÍTICA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NO BRASIL**

O Movimento Estudantil (ME) pode ser separado antes e depois da criação da UNE em 1937, pois a partir dessa organização, os jovens estudantes tornaram-se mais organizados e comprometidos com as lutas que consideram importantes para a população em geral. No entanto, o ME surgiu muito antes da UNE, fazendo-se presentes na história política do país, como na Independência do Brasil em 1822.

Para Mendes Junior (1982) há quatro fases distintas no ME que evidenciam gradativamente a mudança e organização dos estudantes até os dias atuais. A primeira é a “fase de atuação individual”, que corresponderia ao período colonial e os primeiros anos do Império. Apesar de não ter nenhuma organização estudantil durante essa fase, os estudantes não deixaram de lutar, porém essa atividade política ocorria de forma individual.

A segunda fase denomina-se de “atuação coletiva”, que cronologicamente se deu no seguimento da fase do Império, passando a Primeira República (1889-1930) até o início do Estado Novo em 1937, neste meio tempo surgiram algumas Sociedades Acadêmicas, como a *Sociedade Epicurea*, que foi de extrema importância na luta pela abolição e pelo movimento republicano.

Com a criação da UNE, o ME tornou-se mais organizado e com objetivos políticos claros, estando sempre presentes na luta, dando início à terceira fase, que entre todas é a mais importante, é a “fase da atuação organizada”. A quarta e última fase é denominada de “atuação clandestina” e originou-se a partir do Ato Institucional nº 5 de 1968, no qual impossibilitou os jovens de se manifestarem, e quando isso ocorria, eram repreendidos com extrema violência.

Com a formação que os jovens tinham na Europa<sup>3</sup>, retornaram ao Brasil trazendo consigo muita indignação, pois a educação europeia recebia influências de modelos socioeconômicos de diversos países europeus<sup>4</sup>.

De acordo com Poerner (2004) a primeira manifestação estudantil registrada no país foi no ano de 1710, quando soldados franceses invadiram o Rio de Janeiro e foram recebidos por cerca de quinhentos estudantes de colégios religiosos.

As primeiras faculdades do Brasil tinham como objetivo principal formar os filhos da oligarquia paulista e dos latifundiários do açúcar, pois estes estavam “[...] preocupados com a influência das doutrinas “exóticas” irradiadas pelos centros culturais europeus sobre seus filhos [...]” (POERNER, 2004, p. 60). Mas, contrariando os motivos elencados para criar as faculdades no país, assim que os jovens ingressaram nos cursos ofertados, logo estavam engajados na luta pela abolição da escravatura e pelo movimento republicano.

Nesse período houve muito entusiasmo pelas artes, principalmente pela literatura, dando origem a grandes nomes como Castro Alves, Álvares de Azevedo e Fagundes Varela. Em 1852, a calmaria em que os estudantes se encontravam teve fim, com associações que foram criadas com o intuito de libertar escravos e que se intensificou com a morte de Castro Alves em 1871, autor de poesias de cunho abolicionista, como *Navio Negreiro* e *Vozes d’África*. Concomitante a esta campanha, também acontecia o movimento republicano, sendo

---

<sup>3</sup> No período colonial ainda não havia ensino universitário no Brasil, assim, quem possuía melhores condições financeiras enviava seus filhos para estudar na Europa, de modo especial à Coimbra em Portugal e Montpellier e Bordeaux na França.

<sup>4</sup> Em 1786, os estudantes ensaiavam manifestações em prol da Independência do Brasil, chegando a entrar em contato com Thomas Jefferson, que não respondeu da forma que o estudante José Joaquim Maia gostaria. Com a negativa do presidente americano, Maia iniciou uma entidade fora do Brasil como uma espécie de “clube secreto” tendo como objetivo lutar pela Independência. Neste grupo havia doze estudantes, um deles era Domingos Vidal de Barbosa, que participou da Inconfidência Mineira.

que boa parte dos estudantes davam mais ênfase na segunda, acreditando que a abolição seria uma consequência da implantação da República<sup>5</sup>.

No período da Revolta Armada<sup>6</sup>, os estudantes, quase que em sua totalidade militares, realizaram uma mobilização chamada de “batalhões escolares” que simpatizava com o presidente Floriano Peixoto.

No início do século XX foi criada a primeira entidade que visava organizar a luta dos estudantes. Essa entidade foi nomeada de Federação de Estudantes Brasileiros, contudo, não conseguiu atingir os objetivos para qual foi criada, e por isso, teve pouco tempo de ação.

Na década de 1930 os estudantes participaram do Movimento Constitucionalista, sendo que em um desses protestos houve a morte de quatro discentes, sendo eles Euclides Miragaia, Mário Martins de Almeida, Dráusio Marcondes de Sousa e Antônio Américo de Camargo Andrade, que posteriormente as siglas de seus sobrenomes deram origem ao nome de um movimento contra a ditadura de Getúlio Vargas, a MMDC.

Essa manifestação foi uma das últimas até a fundação da UNE em 1937<sup>7</sup>, que deu início a atuação organizada dos estudantes brasileiros, surgindo com o desejo “[...] em formar uma entidade única representativa, forte e legítima para promover a defesa da qualidade de ensino, do patrimônio nacional e da justiça social.” (UNE, 2022, grifo nosso).

Em 1947, a UNE se posicionou frente a um dos principais assuntos do cenário nacional, encabeçando a campanha em defesa do petróleo brasileiro, que ficou amplamente conhecida em todo o território nacional, como “O Petróleo é nosso”. A luta só parou em 1953, com a criação da Petrobras.

Com a renúncia de Jânio Quadros em 1961, e as dificuldades para que João Goulart, a UNE participou da Campanha da Legalidade, movimento que tinha o intuito de assegurar a posse de Jango. Quando empossado, o político se tornou o primeiro presidente a visitar a sede da UNE.

---

<sup>5</sup> Em 1880 os estudantes realizaram manifestações que ficaram conhecidas como Revolta do Vintém, pois o imperador aumentou em um vintém o preço das passagens dos bondes. No ano seguinte ocorreu a Proclamação da República, e com a sua chegada veio novamente uma onda de calma nas manifestações dos estudantes pois suas exigências haviam sido acatadas. não houve mais manifestações estudantis, pois, os jovens não estavam a par da situação financeira em que o país se encontrava (POERNER, 2004).

<sup>6</sup> A revolta Armada se divide em dois períodos, sendo eles o primeiro que corresponde ao ano de 1891 e o segundo entre os anos de 1892 a 1894.

<sup>7</sup> Com a eclosão da II Guerra Mundial, os estudantes realizaram manifestações exigindo com que Vargas tomasse uma posição contra o nazifascismo dos países do Eixo. Com base nos protestos que tomaram o Brasil e com o torpedeamento de navios brasileiros, Getúlio entrou na guerra do lado dos Aliados. Com isso, estabelecimentos que pertenciam aos alemães, italianos e japoneses foram fechados. Então os líderes estudantis ocuparam o Clube Germânia, local de encontro de nazifascistas. Posteriormente, Vargas conferiu o imóvel à UNE, para que este fosse a sede da entidade.

Antecedendo à ditadura militar, a UNE foi uma das entidades que fez parte da Frente de Mobilização Popular (FMP), que tinha como objetivo pressionar o governo defendendo as Reformas de Base, entre elas a reforma universitária. Para que esse objetivo fosse alcançado, a UNE organizou diversas mobilizações, a primeira e mais importante foi a “UNE Volante” que atuou junto com o Centro Popular de Cultura (CPC), que percorreu todo o país com o propósito de promover conscientização política nos jovens a partir de debates em torno das Reformas de Base.

Em 1964, com o golpe que implantou a ditadura civil-militar no Brasil, imediatamente os estudantes tentaram resistir realizando uma passeata. Como resposta a manifestação, o exército depredou e incendiou a sede da UNE, desmantelando momentaneamente o ME.

Ainda em 1964<sup>8</sup> houve a promulgação da Lei n. 4.464, também conhecida como Lei Suplicy de Lacerda, retirando a representatividade da UNE que fora delegada por Vargas, assim, os estudantes continuaram a atuar na ilegalidade, realizando seus congressos de forma clandestina. Dessa forma, começaram a surgir divisões dentro da UNE, pois:

[...] algumas tendências existentes no movimento estudantil passaram a entender que a alternativa prática dentro da sociedade, como a resposta para a incapacidade da pequena burguesia de derrubar o governo instalado em 1964, era a ação militar de vanguarda e de luta frontal contra o regime militar. (SANFELICE, 2008, p. 167-168).

Na década de 1970, é possível perceber o enfraquecimento da ditadura, então a UNE realizou o congresso de reconstrução da UNE, solicitando a soltura de estudantes que se encontravam presos, além de lutar em defesa do ensino público. Ao findar a ditadura em 1984, a UNE voltou às ruas com a campanha “Diretas Já”, como forma de assegurar as eleições ao cargo de presidente do Brasil. Como resposta a essa manifestação, em 1988, “A Constituição garantiu as eleições diretas para presidente, governadores, deputados federais, estaduais, prefeitos e vereadores.” (CINTRA; MARQUES, 2009, p. 244-245).

---

<sup>8</sup> Protestos ocorriam em todo o país contra a ditadura, um dos episódios mais violentos ficou conhecido como “Massacre da Praia Vermelha”, quando os universitários da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) realizaram uma passeata e foram agredidos por integrantes da Polícia Militar (PM) e do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). Em 1968, ocorreu a “Passeata dos Cem Mil”, em favor da democracia, liberdade de expressão e justiça, principalmente pela morte do estudante secundarista Edson Luís de Lima Souto, que se tornou um grande marco da luta do ME contra a ditadura militar. Durante este ano, mais de mil estudantes foram presos durante o Congresso da UNE que ocorreu em Ibiúna, porém, apesar dos protestos em massa, o governo baixou o Ato Institucional número 5, gerando mais violência para quem se opunha ao governo. Nos anos seguintes, mais três estudantes foram assassinados, sendo eles Helenira Rezende, Honestino Guimarães e Alexandre Vannucchi Leme.

Um ano após este fato, a UNE<sup>9</sup> iniciou a campanha “Fora Color”, depois de escândalos envolvendo o presidente. Os jovens pintaram seus rostos com as cores da bandeira do Brasil, ficando conhecidos como os “caras-pintadas”. Com manifestações em todo território nacional, Collor renunciou ao cargo de presidente para que não sofresse *impeachment*.

Dessa maneira, é possível perceber que por meio dos Movimentos Estudantis a sociedade já alcançou muitas conquistas.

Desde 2008, a UNE vem promovendo discussões em torno de temas necessários, como a saúde do jovem brasileiro e programas de cotas, e em 2014 conquistou a aprovação do Plano Nacional de Educação, que garantiu o investimento de 10% do PIB para a educação.

Em 2016, com as reivindicações dos secundaristas contra a Medida Provisória (MP) 746 e a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 241/55, que tinham como objetivo reformar o Ensino Médio pelo país e congelar os investimentos na Saúde e na Educação por vinte anos, respectivamente, a UNE decidiu seguir o exemplo dos secundaristas e ocupou as universidades por todo o Brasil contra a PEC 55. Além de tentar impedir que a proposta fosse aceita, os jovens também promoveram debates e oficinas durante a ocupação acerca do tema<sup>10</sup>.

Em 2018, a UNE encabeçou o Movimento “Ele não” contra a eleição de Jair Bolsonaro, que ocorreu durante todo o país e foi organizado principalmente por mulheres devido a falas misóginas do candidato e por ameaçar a democracia no país.

Atualmente, a UNE concentra suas manifestações contra o governo Bolsonaro devido as suas falas que o refletem como inimigo do povo, de modo especial da educação, propondo cortes que resultarão no sucateamento das universidades públicas e falas que expressam a negação do conhecimento científico produzido nas universidades.

## **O MOVIMENTO ESTUDANTIL NO OESTE DO PARANÁ**

A partir dos anos 1970 iniciou-se um movimento na cidade de Cascavel, estendendo-se pela região Oeste do Paraná, em defesa da construção de uma universidade que pudesse atender às demandas da região. Pois aqueles que ingressarem na universidade deveriam se

---

<sup>9</sup> A UNE se opôs ao governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC), de 1995 a 2002, pois ele instituiu o neoliberalismo no Brasil, privatizando empresas estatais, mercantilizando a educação, dando prioridade às universidades privadas e promovendo o sucateamento das universidades públicas, além de não estar disposto a dialogar com os estudantes, “[...] marcando o período de menor diálogo e negociação da UNE com o Poder Executivo na história, à exceção do regime militar.” (UNE, 2022).

<sup>10</sup> Ainda neste ano, a UNE foi contra o processo de impeachment da presidenta Dilma Roussef. Com a saída de Dilma da presidência, quem assumiu foi seu vice, Michel Temer. Com o movimento “Fora, Temer”, os manifestantes pediam a anulação do crime de responsabilidade fiscal cometido por Dilma, e protestaram a favor das suspeitas de corrupção do governo de Temer.

deslocar até Curitiba. No entanto, os altos custos na capital estavam se tornando cada vez mais inviáveis para os pais dos acadêmicos.

De acordo com Emer (1991), em 1972, um grupo de professores ficou responsável por criar o projeto que daria início aos primeiros cursos superiores na região de Cascavel, já que conheciam a realidade educacional da região, principalmente do município. Tendo isso em vista, esse grupo optou por iniciar com os cursos de licenciatura, pois devido a expansão das escolas, compreendiam que não haveria número suficiente de profissionais habilitados para atuarem nessas instituições de ensino.

De acordo com Pinzan (2017), a FECIVEL <sup>11</sup>iniciou seu funcionamento em 1972 ainda como fundação, com os quatro cursos já citados acima, que foram os primeiros cursos superiores da região Oeste do Paraná. Dessa forma, de acordo com Emer (1991), as primeiras turmas foram formadas principalmente por professores que buscavam uma titulação<sup>12</sup>.

A partir dessa constatação, iniciou-se discussões acerca do tema visando a criação de Instituição de Ensino Superior (IES) nas cidades que eram consideradas “mais desenvolvidas” e a ampliação de novos cursos que se mostravam necessários de acordo com o crescimento da região.

Assim, tendo o apoio financeiro do Projeto MEC/OEA, houve a criação da Fundação de Ensino Superior de Foz do Iguaçu (FACISA), em 1979, da Fundação de Ensino Superior de Marechal Cândido Rondon (FACIMAR), em 1980, e da Fundação de Ensino Superior de Toledo (FACITOL), também em 1980. Com a ampliação de novos cursos, a manutenção começou a se tornar um problema, pois as verbas municipais e as mensalidades pagas pelos alunos eram insuficientes para manter a IES.

Houve diversas tentativas de federalizar a FECIVEL, no entanto, nenhuma delas obteve êxito. Dessa forma, no dia 08 de maio de 1986, depois de diversas conversas, a solução que tiveram para o momento seria unificar as faculdades do Oeste em uma única instituição, que receberia provisões do Estado do Paraná. Assim, foi realizado um acordo de que tanto os municípios quanto o Governo do Estado contribuíram de modo a manter e implementar a estadualização da UNIOESTE.

---

<sup>11</sup> Foi implementado o curso de Letras, tendo a sua habilitação em Português/Francês e Português/Inglês, o curso de Pedagogia, que na época contava com as habilitações em Administração Escolar, Magistério e Orientação Educacional, e também as licenciaturas de Matemática e Ciências. Nos anos seguintes, outros cursos receberam a autorização de implantação na Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Cascavel (FECIVEL).

<sup>12</sup> O Ministério da Educação e Cultura (MEC) e a Organização dos Estados Americanos (OEA), possuem um projeto denominado Projeto MEC/OEA, que tinha como objetivo reduzir os índices de analfabetismo e a evasão escolar na região Oeste do Paraná. A partir desse projeto, houve a realização de uma pesquisa nas cidades de Cascavel, Foz do Iguaçu, Toledo e Marechal Cândido Rondon, que visava obter dados da região nos âmbitos educacional, econômico e social (PINZAN, 2017).

No entanto, a UNIOESTE ainda não era uma universidade. Entre diversos impedimentos para o reconhecimento da UNIOESTE, no ano de 1991, no mandato de Roberto Requião como governador, por meio da Lei nº 9.663 de 16 de julho de 1991, transformar todas as Fundações em autarquias, sendo totalmente submissas ao poder estatal.

O reconhecimento veio a partir do Parecer nº 137 de agosto de 1994, onde o CEE aprovou o projeto de reconhecimento da UNIOESTE em 23 de dezembro de 1994, encaminhando o processo para o MEC, que reconheceu a UNIOESTE como Universidade Estadual por meio da Portaria 1784-A.

Atualmente a UNIOESTE possui cinco campi, localizados nos municípios de Cascavel, Foz do Iguaçu, Francisco Beltrão, Marechal Cândido Rondon e Toledo. A UNIOESTE também possui o Hospital Universitário-HUOP.

Em relação a graduação, no mês de julho de 2021, a UNIOESTE possuía 10.866 alunos, sendo estes 8.441 atendidos de forma presencial e 2.425 de forma EaD divididos em 64 cursos de graduação. O campus de Cascavel possuía o maior número de alunos matriculados sendo 2.882 e o campus que possui mais cursos, totalizando 18 cursos. No entanto, a UNIOESTE possuía 69 turmas, tendo em vista que há cursos com o mesmo nome e com a mesma formação, porém são contados como um curso e somados no total de turmas por campus (PROPLAN, 2021).

Já em relação a pós-graduação Lato Sensu, a UNIOESTE possui 405 alunos, incluindo alunos que fazem parte dos programas de residência, que em sua maioria ficam no campus de Cascavel, divididos em 28 cursos de especialização.

A UNIOESTE também possui pós-graduação Stricto Sensu, na qual soma 33 cursos de Mestrado e 17 cursos de doutorado, atendendo 1.324 e 803 alunos respectivamente, totalizando 2127 alunos atendidos nesse nível de ensino.

Assim, a UNIOESTE atende cerca de 13.398 alunos divididos entre os cursos de graduação, pós-graduação *Latu Sensu e Stricto Sensu*, divididos em seus cinco campus. Para que todos esses alunos possam ser atendidos, a Universidade conta com agentes universitários e docentes, que podem ser efetivos ou temporários. Ao total, trabalham 2.107 funcionários como agentes universitários, onde cerca de 1.035 são efetivos e trabalham nos campi da UNIOESTE, incluindo Reitoria e Hospital Universitário, 422 são Contrato de Regime Especial de Trabalhos (CRES), 4 menores aprendizes, 267 estagiários e 379 terceirizados.

Há cerca de 1.272 docentes na UNIOESTE, sendo eles 985 efetivos e 287 temporários (CRES). Destes, 3 docentes possuem graduação, 74 possuem o título de especialista, 306



possuem mestrado, 821 possuem doutorado e 68 docentes possuem o título de pós-doutorado.

## **O MOVIMENTO ESTUDANTIL NA UNIOESTE: BREVES CONSIDERAÇÕES**

O Movimento Estudantil da UNIOESTE esteve em diversas mobilizações reivindicando pautas no que se referem à própria universidade e aos estudantes, bem como atua em outras manifestações sobre diversos assuntos que tangem o país, desde o surgimento da FECIVEL até o período de transição para a estadualização da UNIOESTE.

José Kuiava, professor aposentado pela instituição, destacou em entrevista que “[...] o ME foi de extrema importância para a estadualização da UNIOESTE [...] na busca de uma universidade pública e gratuita já na década de 1980 [...]” (SCHMITT, 2011, p. 148), realizando manifestações para que o governador assinasse a estadualização, haja vista que José Richa havia prometido o reconhecimento aos estudantes e professores.

O Diretório Central dos Estudantes (DCE), é considerada uma entidade representativa dos estudantes, não possui fins lucrativos e tem como objetivos representar os estudantes da universidade que está ligada, lutando pelos interesses dos estudantes e assegurando seus direitos.

Por sua vez, o DCE engloba os Centros Acadêmicos (CAs), que representam todos os estudantes de um determinado curso. É a partir do CA que os acadêmicos de um curso podem realizar discussões sobre problemas que vem enfrentando. No campus de Cascavel, os CAs que mais se destacaram no movimento estudantil foram os centros de Pedagogia, Enfermagem e Odontologia durante os anos de 1996 a 2001.

Este último curso, assim como o de Medicina, foi bloqueado judicialmente em 1995, proibindo a continuação das aulas. Assim os estudantes, principalmente dessas duas graduações, realizaram manifestações no calçadão de Cascavel. Para que o curso tivesse continuidade, os estudantes custearam um advogado particular, exigindo a retomada dos cursos<sup>1</sup>.

O DCE iniciou suas atividades junto com a criação da FECIVEL, tendo a sua fundação na mesma data de seu nome Dezesesseis de Agosto (DADA) no ano de 1972, e posteriormente, mudou seu nome para DCE (Diretório Central dos Estudantes).

---

<sup>1</sup> Durante este período, Alexandre Webber, esteve na liderança do ME na UNIOESTE, participando ativamente, tanto como presidente do CA de Odontologia e do DCE do campus Cascavel. Pouco tempo depois de finalizar sua graduação, Webber retornou à UNIOESTE, mas dessa vez como docente do curso de Odontologia. Alexandre também foi diretor do campus Cascavel e atualmente é Reitor da universidade.

A direção do DCE é composta por:

[...] um Conselho Administrativo, órgão executivo, administrativo e deliberativo de suas atividades. O Conselho Deliberativo é composto por um Conselho Administrativo e um representante de cada Centro Acadêmico. Este conselho possui uma série de responsabilidades que são tomadas nas reuniões e postas em prática pelo DCE. (DCE CASCAVEL, 2020).

O DCE da UNIOESTE, campus Cascavel possui um Estatuto que trata sobre seus princípios e finalidades, do patrimônio e das finanças, da composição social dos membros, de seu sistema organizacional, da assembleia geral e de sua administração de modo geral. Esse Estatuto se refere somente a UNIOESTE campus Cascavel, e teve sua aprovação em 09 de setembro de 2009.

Na última década, podemos citar a atuação do ME da UNIOESTE em diversas mobilizações, principalmente na área da educação, contra seu sucateamento e a favor da assistência estudantil. Como exemplo disso, podemos citar as ocupações que ocorreram em 2016 contra a Medida Provisória 746 e a Proposta de Emenda à Constituição 241/55, que tinham como objetivo reformar o Ensino Médio pelo país e congelar os investimentos na Saúde e na Educação, respectivamente.

Outra luta que perdurou por cerca de vinte anos, foi o Restaurante Universitário (RU), pois o governo não realizava o repasse das verbas para iniciar as obras. Depois de ocuparem a reitoria e de fazerem diversas manifestações, no dia 11 de abril de 2014, o então Reitor, Paulo Sérgio Wolff, assinou no mesmo dia, a ordem de serviço para o início das obras de construção de restaurantes universitários nos campi da UNIOESTE.

Este dia contou com a participação de cerca de trezentos acadêmicos, dos CAs de todos os campi, atléticas da UNIOESTE e contou com o apoio da União Paranaense dos Estudantes (UPE). Os estudantes realizaram essa manifestação, pois a obra tinha a conclusão prevista para abril, no entanto, não havia nem começado. Após a reivindicação, os estudantes ainda distribuíram um cachorro-quente, como forma de manifestação. Depois de muito tempo de luta, o RU da UNIOESTE foi inaugurado no dia 17 de abril de 2017, servindo mais de 2.700 refeições por dia, em todos os campi.

Portanto, por meio dessas considerações é possível perceber a importância dos Movimentos Estudantis para a sociedade de maneira geral, pois o mesmo está a serviço de garantir direitos a classe proletária.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos verificar, que historicamente um dos objetivos do Movimento Estudantil foi realizar mudanças sociais e políticas. Tal realidade faz com que o movimento estudantil possua um papel importante dentro da luta de classes, pois vem demonstrando resistência à ideologia dominante juntamente com outros movimentos sociais em diversos períodos no Brasil, fazendo com que esse movimento social tenha uma dimensão educativa além de social e política.

Nessa organização, podemos verificar a educação informal ocorrendo além dos espaços escolares, se tornando uma práxis social, pois os sujeitos pretendem mudar a realidade em diversas esferas, tais como econômica, política e social, utilizando diversos tipos de mobilização para que isso aconteça. Com essa prática, os indivíduos adquirem aprendizagem e saberes para além dos muros da escola.

O ME no Brasil teve seu auge durante o período da ditadura civil-militar e mesmo sofrendo repressões violentas continuam se mobilizando, mesmo que de forma clandestina para garantir seus direitos. Os estudantes tiveram um papel importante durante esse período que gerou grandes coibições àqueles que eram contra o governo vigente. Também foi possível verificar a importância dos jovens no período de redemocratização do país, que organizados junto com a população garantiram direitos como as eleições diretas para presidente. Contudo, já haviam jovens se mobilizando desde o século 18 de forma menos organizada. O ME estudantil tal qual conhecemos hoje, se deu início com a UNE em 1937, que veio para organizar e unificar os estudantes brasileiros.

O ME na UNIOESTE fez parte de manifestações que geraram mudanças importantes nesta instituição de ensino, tais como o Restaurante Universitário, a consolidação dos cursos de graduação e a ampliação no financiamento da universidade. Anteriormente, os estudantes também participaram de movimentações pela estadualização da UNIOESTE, pressionando o governo estadual para que concedesse o reconhecimento à instituição.

Ainda há poucas fontes sobre o ME na região do oeste do Paraná, mas com as fontes que já temos acesso, podemos perceber a importância da organização estudantil, principalmente na UNIOESTE, pelo papel que desempenham de lutar por melhorias em diversos âmbitos, se tornando uma ferramenta de articulação com as demais esferas da sociedade brasileira.

Portanto, pontua-se a relevância em discutir a temática proposta para poder compreender como o ME no Brasil faz parte de mudanças históricas em todos os segmentos

do país, atuando em busca de melhorias e abordando temas que são de extrema relevância para o país, de modo especial a educação.

Essa atuação se inicia nas instituições de ensino, porém as ultrapassa, pois somente a educação formal não é suficiente para a emancipação do sujeito, sendo necessária também uma educação informal, uma educação que perpassa as paredes escolares, uma educação para a vida, onde os indivíduos tenham consciência de seu lugar na sociedade.

## REFERÊNCIAS

BOUTIN, A. C. D. B.; FLACH, S. F. O movimento de ocupação de escolas públicas e suas contribuições para a emancipação humana. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 42, n. 2, p. 429-446, ago. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/45756/24713>. Acesso em: 15 jan. 2022.

CINTRA, André; MARQUES, Raísa. **UBES Uma Rebeldia Consequente: A História do Movimento Estudantil Secundarista do Brasil**. Projeto Memória do Movimento Estudantil, 2009.

DCE CASCAVEL. **Site institucional**. Disponível em: <https://cascaveldceu.wixsite.com/cascaveldceu>. Acesso em: 12 de maio de 2021.

EMER, I. O. **Desenvolvimento do Oeste do Paraná e a construção da escola**. 1991. Dissertação (Mestrado) - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1991.

FORACCHI, M. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo: Pioneira (Ed. da Universidade de São Paulo), 1972.

GOHN, M. da G. **Educação não formal e o educador social**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Penguin Classics Cia. das Letras, 2012.

MAYORAL, María Rosa Palazón; ROSA, M. **A filosofia da práxis segundo Adolfo Sánchez Vázquez**. Tradução de Simone Rezende da Silva. Buenos Aires, CLACSO, 2007. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/formacion-virtual/20100715081602/cap13.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2022.

MENDES JR., A. **Movimento Estudantil no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

PINZAN, Leni Terezinha Marcelo. **UNIOESTE: a histórica luta pela estadualização**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá, 2007. Disponível em: [http://www.ppe.uem.br/dissertacoes/2007/2007%20-%20Leni\\_Pinzan.pdf](http://www.ppe.uem.br/dissertacoes/2007/2007%20-%20Leni_Pinzan.pdf). Acesso em: 15 jan. 2022.

POERNER, A. J. **O Poder Jovem: História da Participação Política dos Estudantes Brasileiros**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.

SANFELICE, José Luis. **Movimento estudantil: a UNE na resistência ao golpe de 1964**. Campinas: Alínea, 2008.

SCHMIDT, S. L. **Encontros e desencontros do Movimento Estudantil Secundarista Paranaense**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2007.

TONET, I. Atividades educativas emancipadoras. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 9, n. 1, p. 9-23, jun. 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/894/89430148002.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2022.

UNIOESTE. PROPLAN. (Paraná). **Estatística**. 2021. Disponível em: <https://www.unioeste.br/portal/acesso-aos-dados/estatistica>. Acesso em: 15 jan. 2022.

UNE. **História da UNE**. Disponível em: <https://www.une.org.br/memoria/historia/>. Acesso em: 15 jan. 2022